

## A Queda

Os capítulos 1 e 2 de Gênesis nos mostram a criação em um estado de absoluta harmonia, beleza e perfeição. Cornelius Plantinga nos diz que a criação estava em estado de “shalom”, que significa muito mais do que paz no sentido da ausência da guerra. Na verdade, “shalom” significa “florescimento universal, totalidade e prazer – um rico estado de coisas no qual necessidades naturais são satisfeitas e dons naturais frutiferamente empregados, um estado de coisas que inspira agradável surpresa à medida que seu Criador e Salvador abre as portas e recebe a criatura em que se deleita”.<sup>1</sup> Esta descrição é tão linda que nos perguntamos: mas para onde foi toda essa beleza e perfeição? O que aconteceu para que o mundo criado por Deus em tal estado de shalom se tornasse o mundo como vemos hoje? A resposta está no capítulo 3 de Gênesis, na narrativa conhecida comumente como “A Queda”.

## Pacto das Obras

Quando o Eterno criou o homem, fez um pacto com ele chamado pelo teólogos reformados de Pacto das Obras. Embora o termo “pacto” não apareça em Gênesis 2, temos nos versos 16 e 17 todos os elementos de um pacto: as partes, a promessa, a condição e a penalidade.<sup>2</sup> Charles Hodge deixa claro que nos termos do pacto Deus “entrou em uma aliança de vida com ele [Adão], sob a condição de perfeita obediência, proibindo-o de comer a árvore do conhecimento do bem e do mal sob a penalidade de morte”.<sup>3</sup> Este pacto “foi chamado pacto das obras pois sua demanda recaía sobre o próprio ser e fazer do homem”.<sup>4</sup>

## A árvore do bem e do mal

Com afirma Strong, “A árvore do conhecimento do bem e do mal é o símbolo do domínio justo de Deus e indica que tudo pertence a ele”.<sup>5</sup> Em outras palavras: era um memorial de que o homem, embora criado pelo Eterno, continuava uma criatura e o Criador, sempre seria o único Eterno como sempre e sempre há de ser.

Muitos já aquela famosa pergunta: “Mas por que Deus foi colocar essa bendita árvore no jardim? Se ele já sabia que o homem ia pecar, então por que Ele colocou a árvore lá?”. A CFW, no final do seu segundo capítulo, faz a seguinte afirmação: Depois de haver feito as outras criaturas, Deus criou o homem, macho e fêmea, com alma racional e imortal, e dotou-os de inteligência, retidão e perfeita santidade, segundo a sua própria imagem, tendo a lei de Deus escrita em seus corações, e o poder de cumpri-la, mas com a possibilidade de transgredi-la, sendo deixados a liberdade da sua própria vontade, que era *mutável*. Além dessa lei escrita no coração, receberam o preceito de não comerem da árvore da ciência do bem e do mal; enquanto obedeceram a este preceito, foram felizes em sua comunhão com Deus e tiveram domínio sobre as criaturas.<sup>6</sup>

O termo “mutável” indica que ao criar o homem o Criador fez a opção radical de criar seres pessoais e livres que pudessem tanto amá-lo quanto rejeitá-lo, pois para serem livres eles tinham que ter uma opção de escolher outra realidade que não seu Criador. Millard J. Erickson explica com uma clareza brilhante que “para que o homem fosse genuinamente livre, tinha de haver uma opção. A escolha é obedecer ou desobedecer a Deus. No caso de Adão e Eva, a árvore do conhecimento do bem e do mal simbolizava esta escolha”.<sup>7</sup>

Colocando desta maneira, fica claro que não havia outra possibilidade para o Criador senão colocar a árvore no jardim. Tinha de haver uma opção, tinha de haver a possibilidade da criatura rejeitar seu Criador, pois caso contrário o Criador estaria criando o homem para viver numa jaula determinista, um boneco sem expressão real de amor. Sendo assim “Deus colocou diante do homem e da mulher, no estabelecimento do seu serviço no reino, o privilégio de comer livremente de todas as árvores do jardim e o privilégio de honrá-lo não comendo de uma única árvore — a árvore do conhecimento do bem e do mal (Gn 2.9, 16-17). A consequência de não honrar a Deus nesta matéria seria severa. O vínculo de vida/amor seria cortado. A comunhão amorosa seria quebrada”.<sup>8</sup>

## Tentação e Queda

Uma vez que existe outra possibilidade de vida, uma alternativa ao projeto inicial, Gênesis 3 narra nada mais nada menos do que a tentação dos nossos primeiros pais. Ou seja, o narrador começa a nos contar como a esperta

<sup>1</sup> PLANTINGA, Cornelius Jr. *Não era para ser assim: Um resumo da dinâmica e natureza do pecado*. São Paulo: Cultura Cristã, 1998, p.24

<sup>2</sup> BERCKOF, p.118,119

<sup>3</sup> HODGE, CHARLES: *Systematic theology*. vol. 2. Oak Harbor, WA : Logos Research Systems, Inc., 1997

<sup>4</sup> HODGE, ARCHIBALD ALEXANDER: *Outlines of Theology: Rewritten and Enlarged*. New York : Hodder & Stoughton, 1878

<sup>5</sup> STRONG, Augustus Hopkins. *Teologia Sistemática* - Vol. II. São Paulo: Hagnos, 2003, p. 189

<sup>6</sup> Confissão de Fé de Westminster – Assembléia de Westminster. São Paulo: Cultura Cristã, 2008, Capítulo III, § II, p.46

<sup>7</sup> ERICKSON, Millard J. *Christian Theology*. Grand Rapids: Baker Book House, 1985, p.429

<sup>8</sup> GRONINGEN, Gerard Van. *Criação e consumação* - V.I, p. 91-92 apud franklin p.434

serpente procura utilizar meias verdades, insinuação, desconstrução do certo e do errado e manipulação para levar nossos primeiros pais a comer o fruto que fora proibido e assim experimentarem a outra possibilidade de existência.

Horton afirma que “essa antiga serpente aparece em outros lugares como o grande dragão, Satanás e o Diabo (Ap 12.9; 20.2). O Diabo tem andado pecando e assassinando desde o princípio (Jo 8.44; 1 Jo 3.8). O orgulho (1 Tm 3.6) e uma queda de anjos (Jd 6; Ap 12.7-9) também se associam a essa catástrofe cósmica”.<sup>9</sup>

Satanás se infiltra no jardim e dirige sua tentação a mulher. O centro da tentação utilizada por Satanás é claro: “Vocês serão como Deus” (v.5). O Tentador utiliza uma fórmula clássica nas Escrituras: arranca a verdade, planta a mentira, atíça os desejos e por fim apresenta a solução prática de comer o fruto. Dúvida, incredulidade, desejo, ilusão e por fim desobediência.<sup>10</sup>

O Criador havia dado a ordem diretamente a Adão, antes da criação da mulher de que não comesse da árvore do bem e do mal. Eva certamente conhecia a ordem, pois a recitou para a serpente. Embora conhecesse a ordem, Eva foi enganada e comeu, mas Adão não foi enganado ou sequer tentado pela serpente. A mulher lhe trouxe o fruto, e ao invés de recusar o fruto, Adão comeu. O texto da Escritura diz “que Adão não foi enganado” (1 Tm 2.14), o que o torna um maior culpado. Eva não recebeu a ordem diretamente do Senhor, e foi enganada, mas Adão não foi enganado, antes sua desobediência foi aliciada por Eva, pois ele apenas “atendeu a voz de sua mulher” (Gn 3.17), e isto foi o bastante para ele apostatar de Deus. Adão comeu por que temeu mais desagradar sua mulher do que a Deus, numa flagrante omissão.<sup>11</sup>

### Consequências

A escolha que nosso primeiros pais fizeram acarretaram consequências graves. Todo o projeto de Deus foi subitamente corrompido pela escolha dos primeiros pais, de maneira que o shalom que havia em toda a criação foi perdido. Daí Paulo dizer que a queda lançou em um buraco não apenas Adão e Eva, mas a humanidade e por fim toda a criação (Rm 8.18-22).

A primeira consequência foi a quebra da imagem de Deus no homem. A justiça, pureza e santidade originais com as quais Deus criou o homem foram perdidas. O homem passou a experimentar o mal e a vergonha em seu ser, de maneira que “por causa de sua queda no pecado, o homem em um dado sentido perdeu a imagem de Deus”.<sup>12</sup> Em uma famosa passagem João Calvino afirma que “mesmo embora concedamos que a imagem de Deus não tenha sido totalmente aniquilada e destruída no homem, ela foi tão corrompida que, qualquer coisa que permaneça, é uma deformidade horrenda”.<sup>13</sup>

Além da quebra da imagem, houve a desconexão dos quatro relacionamentos perfeitos com os quais o homem foi criado: “houve uma [desconexão]<sup>14</sup> em quatro aspectos da vida do ser humano. O homem se [desconectou] de Deus, dos seus semelhantes, da natureza e de si mesmo”.<sup>15</sup> Por fim, a morte entrou para a raça humana. Paulo declara que por meio de Adão a morte entrou para dentro de toda a raça humana (1Co 15.21,22). O homem, que foi criado para viver eternamente na presença de Deus, passou a experimentar a morte em seu sentido físico (envelhecimento e morte) e em seu sentido espiritual (alienação de Deus e perdição eterna).

### Representatividade

A grande questão envolvendo a narrativa da queda é que não se trata apenas da história de Adão e Eva, mas da história de todos nós. Nossos primeiros pais não estavam diante de Deus como indivíduos no Pacto das Obras mas como representantes de toda a humanidade, de forma que quando eles caíram nós caímos também. Arthur W. Pink destaca que “o fato de Adão ter permanecido como o cabeça da raça no relacionamento de pacto, é demonstrado conclusivamente pelos males penais que vieram sobre seus filhos, em consequência de sua queda. Da maldição terrível que cai sobre todos os seus descendentes, somos compelidos a inferir a relação factual que existia entre ele e eles”.<sup>16</sup> Dessa forma, o pecado de Adão nos foi imputado, de maneira que os que nascem de Adão são pecadores.

Algumas correntes negaram a representatividade de Adão ao longo da história. Todavia, a representatividade de Adão e a de Cristo estão unidas pelo mesmo princípio de termos um representante diante de Deus, como nos lembra Paulo em 1Co 15.22. Quando a federalidade é negada, traz sérias implicações para a doutrina da salvação, pois pode –se perguntar: se é injusto que sejamos representados em Adão, por que seria justo sermos representados em Cristo?

<sup>9</sup> HORTON, Stanley. *Teologia Sistemática: Uma Perspectiva Pentecostal*. Rio de Janeiro: CPAD, p.141

<sup>10</sup> BAVINCK, Herman. *Fundamentos Teológicos da Fé Cristã*. Santa Bárbara d'Oeste: SOCEP, 2001, p.243

<sup>11</sup> DRISCOLL, Mark; BRESHEARS, Gerry. *Doctrine: What Christians Should Believe*. Illinois: Crossway, 2010, p.147

<sup>12</sup> HOEKEMA, Anthony. *Created in God's image*. Grand Rapids: William B. Eerdmans Publishing Company, 1986, p.10

<sup>13</sup> Institutas, I, xv, p.4

<sup>14</sup> No original, “alienação”.

<sup>15</sup> FERREIRA, Franklin; MYATT, Alan. *Teologia Sistemática*. São Paulo: Vida Nova, 2007, p.452

<sup>16</sup> PINK, Arthur W. *Gleanings from the Scriptures*. Chicago: Moody Press, 1977, p. 43.